

CONVERTIDOS E OBLATOS – UM EXAME DA RELAÇÃO CLASSES MÉDIAS/ESCOLA NA OBRA DE PIERRE BOURDIEU*

Maria Alice Nogueira**

Este artigo pretende reconstituir – senão de forma exaustiva, ao menos em seus traços principais – a análise que faz o sociólogo francês Pierre Bourdieu das estratégias educativas e escolares das diferentes fracções das classes médias, colocando-as no quadro mais geral das estratégias de reprodução postas em prática por essas classes. Para tanto, fez-se necessário abordar preliminarmente a composição, o ethos, os estilos de vida próprios dessas camadas, e sua relação com a cultura

Em seu livro *La Sociologie de Bourdieu*, Alain Accardo e Philippe Corcuff (1986) comentam algumas críticas feitas por antigos colaboradores de Pierre Bourdieu, no *Centre de Sociologie Européenne*, a suas teses sobre a cultura popular. Nessas críticas, há como que uma espécie de reconhecimento de que as análises do sociólogo francês, a respeito das práticas culturais das diferentes classes sociais, são tanto mais ricas quanto mais elevada for a posição da classe na estrutura social. Com efeito, é forçoso reconhecer que se a análise de Bourdieu revela-se menos rica no tratamento das classes populares é a um ver-

* Uma versão mais abreviada deste artigo foi apresentada na 18ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, Caxambu/Brasil, 17-21 Setembro de 1995

** Da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil)

dadeiro processo de «dissecação fina» que ela submete as diferentes frações das classes médias e das elites

Esta me parece ser a razão pela qual os estudos que têm se ocupado das práticas educativas familiares nos diferentes meios sociais, recorrem sistematicamente às teses desse autor quando se trata de analisar a questão no âmbito das classes médias e, *a fortiori*, das camadas cultas das classes médias e das classes dominantes. Penso aqui particularmente nos trabalhos de Sirota (1994), Lareau (1987), Liénard e Sevais (1982), Establet (1987)

No que me concerne, em minha atual pesquisa sobre as relações entre as famílias pertencentes às camadas intelectualizadas e a escola, é na obra de Bourdieu que venho encontrando os instrumentos teóricos adequados que têm me levado à compreensão das relações que se estabelecem entre as trajetórias e as estratégias escolares próprias dessas frações, e suas condições mais gerais de existência. É, portanto, por ver na obra desse autor as bases para a construção de uma sociologia das relações classes médias/escola, que me proponho, neste texto, a examinar os traços principais do que seria uma tal perspectiva de análise

1. Algumas observações necessárias acerca da noção de classe social em Bourdieu

Objeto de constante discussão ao longo de toda a obra, a noção de classe social recebe um tratamento original no pensamento de Bourdieu que consiste em superar as abordagens clássicas (tanto em sua vertente marxista quanto nas vertentes da estratificação social), através da formulação de uma nova teoria que leva em conta outras espécies de capital (além do económico) que essas abordagens não consideraram. Foi com essa finalidade que o sociólogo francês elaborou os conceitos de capital cultural e de capital social, para dar conta de «coisas que não eram vistas antes» (Bourdieu, 1983a: 45)¹

¹ Para uma definição dos conceitos de capital cultural e de capital social, consultar Bourdieu (1979a, 1980)

O fundamento dessa nova teoria reside na percepção de que a simples «condição de classe» (i.e., as propriedades intrínsecas de um grupo), ou mesmo a «posição» ocupada no interior das relações econômicas, não são suficientes para designar as propriedades comuns que fazem de um conjunto de indivíduos um grupo social relativamente homogêneo. É preciso considerar ainda a posição nas relações de produção cultural e, também, o fato de que a essas posições de classe corresponde um sistema de «disposições» a agir, pensar, sentir, perceber, que expressa, sob a aparência de preferências individuais, as estruturas sociais externas (as condições de existência) das quais ele é originário. A essas disposições, Bourdieu denomina «habitus»².

«A classe social não se define somente por uma posição nas relações de produção, mas pelo habitus de classe que está «normalmente» (isto é com uma forte probabilidade estatística) associado à essa posição» (Bourdieu, 1979b: 433)

É que as diferenças relativas às condições materiais de vida se transmutam – por intermédio do habitus – em diferenças na maneira de usufruir os bens, isto é, em distinções simbólicas que vão configurar diferentes estilos de vida:

«As diferentes posições no espaço social correspondem estilos de vida, sistemas de desvios diferenciais que são a retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência. As práticas e as propriedades constituem uma expressão sistemática das condições de existência (aquilo a que chamamos estilos de vida) porque são o produto do mesmo operador prático, o habitus, sistema de disposições duráveis e transponíveis que exprime, sob a forma de preferências sistemáticas, as necessidades objetivas das quais ele é o produto» () (Bourdieu, 1983b: 82) (a ênfase é do autor)

² Conceito de difícil compreensão e, ao mesmo tempo, peça chave na construção teórica: o conceito de habitus foi criado com a intenção de ultrapassar a oposição determinismo/liberdade através da articulação das estruturas objetivas externas com as estruturas subjetivas internas (a história pessoal), constituindo o ponto de convergência no qual a exterioridade se interioriza e se «incorpora» de modo durável no corpo, exteriorizando-se na forma de disposições (predisposições, propensões, inclinações). Ele funciona como um princípio gerador, organizador e unificador das práticas, dos discursos, das representações, tanto ao nível do agente quanto ao nível do grupo ou da classe social.

Se as distinções simbólicas são «sempre secundárias» (Bourdieu, 1987a) em relação às econômicas porque emanadas delas, não se pode no entanto esquecer que as primeiras retraduzem as últimas segundo uma lógica própria, irreduzível ao funcionamento do sistema econômico, que é – segundo Bourdieu – a lógica da «distinção». Essa lógica consiste na luta permanente que se trava entre as classes pelo monopólio dos bens – materiais e simbólicos – raros (nos diversos subespaços do simbólico: modos de consumo dos bens materiais, práticas culturais, linguagem, postura corporal). Luta entre, de um lado, as classes dominantes que através da detenção do monopólio desses bens, marcam suas distâncias em relação às outras classes; de outro, os pretendentes que aspiram à apropriação desses bens³

Por fim, há que se observar ainda que, para Bourdieu, a posição de um agente na estrutura de posições sociais não deve nunca ser apreendida sincronicamente de «um ponto de vista estritamente estático, isto é, como posição relativa ("superior", "média" ou "inferior") numa dada estrutura e num dado momento» (idem, p. 7), mas sim no sentido da trajetória social que o indivíduo ou o grupo está percorrendo: de ascensão, de declínio, de estabilidade. Isto é tanto mais importante quanto se sabe que as disposições (os habitus) tendem a expressar não as posições de classe, mas sim o sentido do trajeto («la pente») que percorre o indivíduo ou o grupo ao qual pertence.

2. O conceito de classes médias em Bourdieu

Se a expressão «classes médias» não deixa de ser utilizada por Bourdieu, é, sem dúvida, sobre o termo «pequena burguesia» que recai sua preferência. Na verdade, é em torno da palavra «pequeno» que se constroi sua trama explicativa visando dar conta da realidade dessas classes. Sua defesa da superioridade desse conceito é clara:

³ Não se pode entretanto esquecer o caráter histórico da capacidade de distinção de um bem (com fundamento em sua raridade), pois todo bem tende a se desvalorizar na medida em que aumenta o número de consumidores propensos ou aptos a seu consumo. Donde as mudanças incessantes do gosto, objeto privilegiado de estudo de Bourdieu por se encontrar na base das práticas e das propriedades (individuais ou do grupo) que operam como princípios de classificação, de divisão social.

«Se é verdade que é na realidade, e não no espírito do sociólogo, que o pequeno burguês é um burguês em tamanho menor, vê-se tudo o que perderíamos ao abandonar o conceito de pequeno burguês, em nome de uma definição objetivista da objetividade» (Bourdieu, 1974: 25) (a ênfase é do autor)

No centro do pensamento está a idéia de que, para essas classes, uma necessidade se impõe: a de «se fazer pequeno para se tornar burguês». O significado dessa idéia, e as formas nas quais ela se materializa, ficarão melhor esclarecidos nas páginas seguintes, pois constituem elemento central na construção da argumentação.

Para Bourdieu, a pequena burguesia divide-se em três frações: a «pequena burguesia em declínio», a «pequena burguesia de execução» (ou de promoção), e a «nova pequena burguesia» (Bourdieu, 1979b). A primeira é composta pelos pequenos proprietários (artesãos e pequenos comerciantes). Suas características principais decorrem de sua situação de declínio econômico e social (com sua correlativa diminuição numérica) em virtude das transformações na estrutura sócio-econômica que levam ao desaparecimento tendencial e gradual do pequeno comércio tradicional, e, do fato de que são mais providas de capital econômico do que de capital cultural.

A segunda é constituída pelos empregados subalternos do terciário e pelos quadros médios dos setores público e privado (quadros administrativos, técnicos, professores do ensino básico). Ocupando uma posição central na estrutura capitalista e desfrutando de uma posição relativamente estável no quadro das condições sócio-econômicas presentes, essas frações caracterizam-se pela posse de um capital cultural que, embora maior do que o das frações anteriores, é relativamente pequeno face ao dos quadros superiores com quem mantêm uma relação de tipo execução/concepção, donde sua denominação. Mas é a esse capital cultural que seus membros devem a posição que ocupam na estrutura social, e o fundamento das expectativas de elevação social que nutrem.

Finalmente, a terceira fração é formada fundamentalmente por aquelas profissões que Bourdieu denomina de «apresentação e representação» por requirirem uma boa aparência pessoal e um certo capital de conhecimentos gerais ligado às artes, ao bom gosto, a viagens etc, com frequência proveniente de

uma herança cultural e social familiar. São publicitários, relações públicas, especialistas de moda, vendedores de griffes, antiquários, decoradores, designers, fotógrafos, guias turísticos, apresentadores de rádio e televisão etc. Criação mais recente, esses novos setores encontram-se ainda pouco institucionalizados mas apresentam uma inequívoca situação de expansão.

3. *Ethos* e estilo de vida

Em consonância com a teoria das classes sociais de Bourdieu, acima esboçada, não se conseguiria atingir o cerne de sua definição de classes médias sem levar em conta o *ethos*, a ética, enfim os modos de vida dessas classes⁴. Para isso, faz-se imperativo o recurso a três termos obrigatórios que constituem a base desse pensamento. São eles: «ascetismo», «malthusianismo» e «boa vontade cultural». Na verdade, como veremos, trata-se de manifestações diferentes de uma mesma lógica social.

Sob as expressões ascetismo ou ascèse, Bourdieu designa o princípio que está na base da maneira austera de viver própria dessas classes que – propensas à poupança bem como a todos os tipos de entesouramento – renunciam, sem hesitação, às diferentes formas de prazer em nome de suas aspirações de ascensão social ou de manutenção de sua posição de classe⁵. Originários, em boa parte dos casos, das diferentes frações das classes populares – e por isso desprovidos de todas as espécies de capital (econômico, cultural ou social) –, necessitam, para realizar sua trajetória ascensional, constituir uma «acumulação inicial» e, para isso, fazem uso de recursos morais (na forma de privações, renúncias, sacrifícios) como meio de compensar essa sua escassez de capital.

⁴ Retomando da tradição sociológica o conceito de «ethos», Bourdieu o utiliza para designar «um conjunto objetivamente sistemático de disposições com uma dimensão ética, de princípios práticos (a ética sendo um sistema intencionalmente coerente de princípios explícitos)» (Bourdieu, 1983a: 104). O parêntese é aqui usado pelo autor para marcar a distinção entre o *ethos* – disposições e práticas nem sempre conscientes resultantes da experiência vivida – e a ética – moral explícita e codificada, aparecendo aos agentes de modo consciente. Nesse mesmo texto, Bourdieu lembra que o conceito de *habitus* engloba a noção de *ethos*.

⁵ Fica nítida, nesse ponto, a influência de Weber sobre Bourdieu que chega mesmo a afirmar: «A pequena burguesia ascendente refaz indefinidamente a história das origens do capitalismo: para isso, ela só pode contar como os puritanos, com seu ascetismo» (Bourdieu, 1974, 22).

E aqui nós temos uma excelente ilustração da teoria do habitus, pois é essa exterioridade (o sentido ascensional da trajetória) interiorizada que, por sua vez, se exterioriza na forma daquilo que é visto pelo senso comum como «inclinações pessoais» («penchant»). Daí derivariam «todo o espírito de economia e toda a pequenez associada às virtudes pequeno burguesas» (Bourdieu, 1974: 23)

Esse estilo de vida ascético vai se manifestar através de um sistema de «estratégias»⁶ de reprodução próprio dessas classes⁷. Dentre elas, a primeira lembrada pelo sociólogo é o malthusianismo, característica marcante das camadas médias que consiste em suas práticas de limitação da prole.

Para Bourdieu, a forte restrição da fecundidade natural só pode ser entendida quando situada no quadro mais amplo das estratégias de reprodução próprias desses grupos que – relativamente desprovidos de capital econômico e cultural mas instados a reproduzir, através de sua descendência, sua posição na estrutura social – vêem-se obrigados a conter os gastos e a limitar a prole de modo a investir em cada filho o máximo possível de recursos, para que eles possam realizar o futuro que se almeja para eles:

«Ao limitar sua família a um pequeno número de filhos, quando não ao filho único, sobre o qual se concentram todas as esperanças e os esforços, o pequeno burguês não faz senão obedecer ao sistema de pressões que está contido em sua ambição na impossibilidade de aumentar a renda, ele

⁶ Outro conceito importante da teoria de Bourdieu, o conceito de estratégia – fundamental para a compreensão da teoria dos «campos» – também foi criado com a intenção de se opor ao objetivismo estruturalista (a ação sem sujeito). Ele se refere a um «sentido prático» que advém da participação no «jogo» que se joga nos diferentes campos sociais, em torno da apropriação/manutenção das espécies de capital específicas de cada campo. Assim, ao invés de submissão a regras sociais explícitas, as ações são concebidas como participação no jogo, sendo o bom jogador aquele que adquiriu o «sentido do jogo», que «faz a todo instante o que deve ser feito o que o jogo demanda e exige» (Bourdieu, 1990: 81).

⁷ De um modo geral, Bourdieu define os sistemas de estratégias de reprodução postos em prática pelas diferentes classes sociais como «seqüências de práticas objetivamente ordenadas e orientadas que todo grupo deve produzir para se reproduzir enquanto grupo» (Bourdieu, 1974: 32). Dentre as estratégias de reprodução a que ele mais se refere, estão: as estratégias matrimoniais, as estratégias de fecundidade, as estratégias de sucessão, as estratégias de investimento econômico e social, e, as estratégias educativas. Ele alerta também para o fato de que o significado e as funções sociais de uma dada estratégia de reprodução, só podem ser compreendidos quando colocados no quadro mais geral do conjunto das estratégias de reprodução de uma dada classe ou fração de classe.

necessita diminuir a despesa, isto é, o número de consumidores» (Bourdieu, 1974: 24)

Isto porque, como lembra Bourdieu nesse mesmo texto, o custo relativo da criança – o qual também varia de um extrato social a outro – é:

«fraco para as famílias de mais baixa renda que, não podendo antever para seus filhos um outro futuro diferente de seu próprio presente, realizam investimentos educativos extremamente reduzidos, fraco também para as famílias de alta renda, uma vez que os rendimentos crescem paralelamente aos investimentos, e atinge um máximo no que corresponde às rendas médias, isto é, às classes médias cuja ambição de ascensão social obriga a investimentos educativos relativamente desproporcionais a seus recursos» (idem, p. 17)

E Bourdieu constata que, efetivamente, essa interdependência estabelecida pelas famílias entre as estratégias de fecundidade e as estratégias educativas encontra respaldo na realidade, pois as estatísticas comprovam que as oportunidades de uma vida escolar mais longa estão intimamente associadas – quando se controla todas as outras variáveis – ao tamanho da família

Entretanto essas disposições ascéticas apresentam variantes quando se passa de uma fração das classes médias a outra. Em contraposição ao «rigorismo repressivo» e ao conservadorismo (moral, religioso, político) das frações em declínio, mas também ao «rigorismo ascético» embora otimista da pequena burguesia de promoção, as frações ditas novas caracterizam-se por um estilo de vida mais livre, menos ascético, que pretende marcar distância da «pretensão ansiosa» à ascensão social própria da pequena burguesia de execução, e de suas condutas

Assim, essas últimas frações desempenham muitas vezes um papel vanguardista no plano dos modos de vida (vida doméstica, valores familiares, relações entre os sexos, entre as gerações etc). É que à «moral do dever» – peculiar às duas primeiras frações – que vê no prazer uma fonte de riscos e ameaças ao bem, essas últimas frações opõem «um dever de prazer» (Bourdieu, 1979b) que, ao contrário, considera a impossibilidade de satisfação dos desejos como uma falta capaz de ameaçar a auto-estima. Para essa «moral modernista», o

prazer passa então não somente a ser permitido, como também perseguido, e, agora, invocado, não em nome de razões morais, mas sob argumentos de ordem científica⁸

4. A relação com a cultura

Com base em resultados de pesquisa sobre as práticas culturais dos franceses, que demonstravam, entre outras coisas, a tendência dos entrevistados menos instruídos em disfarçar sua ignorância e em exhibir comportamentos e opiniões que lhes pareciam as mais próximas da legitimidade cultural, Bourdieu conclui que:

«As diferentes classes sociais se distinguem menos pelo grau em que reconhecem a cultura legítima do que pelo grau em que elas a conhecem: as declarações de indiferença são excepcionais e mais ainda as rejeições hostis – ao menos na situação de imposição de legitimidade que cria a relação de pesquisa cultural como um quase exame» (Bourdieu, 1983b: 94)

No que concerne à pequena burguesia, já vimos que Bourdieu faz do pequeno volume de capital cultural uma de suas características principais. Pois bem, é na distância tensa entre o conhecimento e o reconhecimento da cultura legítima, que ela encontrará a lógica de sua relação com a cultura:

«Toda a relação da pequena burguesia com a cultura pode, de certo modo, ser deduzida da distância, muito marcada, entre o conhecimento e o reconhecimento, princípio da boa vontade cultural que toma formas diferentes segundo o grau de familiaridade com a cultura legítima, isto é, segundo a origem social e o modo de aquisição da cultura que lhe é correlativo» (Bourdieu, 1979b: 367) (a ênfase é do autor)

Por «boa vontade cultural», o autor entende a docilidade, o esforço e a tenacidade desmedidos com que essas classes se entregam ao trabalho de aquisição

⁸ Segundo Bourdieu, desempenham um papel crucial, nesse processo, por um lado, a psicologia e as disciplinas correlatas (psicanálise, anti-psiquiatria, sexologia), e, por outro, a grande imprensa que – através das revistas femininas, daquelas endereçadas aos adolescentes, daquelas dedicadas ao culto da «boa forma» etc. – é propagadora dessa nova «arte de viver».

da cultura para compensar as desvantagens decorrentes da falta de capital cultural. Nesse ponto, é necessário relembrarmos as teses de Bourdieu em relação ao diferencial, entre as classes sociais, no modo de aquisição da cultura, e o papel extremamente importante que elas desempenham no conjunto da teoria.

Há aqui uma polarização estabelecida pelo autor entre dois modos de aquisição. De um lado, por parte das classes dominantes, o que se verifica é a transmissão de uma herança cultural que se dá de modo total, precoce, inconsciente desde a primeira infância no seio da família, e que por isso não traz a marca do esforço ou do trabalho, posto que foi adquirida por um processo de «familiarização insensível». Tudo isso confere ao seu portador uma atitude em relação à cultura que tende a ser mais natural, desinteressada, descontraída, segura, desenvolta, livre (isto é, menos escolar), em suma, mais «diletante», como aquela que se tem com um bem de família.

De outro, temos, por parte das classes desfavorecidas, um aprendizado mais tardio, metódico, obtido através de uma ação pedagógica explícita (isto é, escolar) e ao preço de um trabalho sistemático, esforçado, árduo que confere ao seu portador uma relação com a cultura que tende a ser mais laboriosa, interessada, forçada, tensa, insegura, em suma, mais «militante».

Assim, se do lado daqueles que têm a cultura legítima como cultura materna, o que se verifica é uma relação de familiaridade que permite todas as «liberdades e audácias», do lado da pequena burguesia desmunida de recursos culturais familiares, encontraremos uma forma de «docilidade» ou de «reverência» face à cultura, cujos indícios podem ser encontrados na preocupação com a escolha de amigos educados; no gosto por lazeres instrutivos (ex: programas de televisão científicos, históricos ou literários) e por leituras de vulgarização científica; no culto do trabalho autodidata; no gosto por atividades que exigem tempo e boa vontade cultural (como, por exemplo, fazer coleções ou cursos por correspondência) (Bourdieu, 1979b; 1983b).

Bourdieu argumenta ainda que é numa espécie de «cultura média» que a pequena burguesia investe sua boa vontade cultural. Essa cultura média resulta do consumo e da prática de gêneros culturais menores cuja função é a de proporcionar um acesso imediato a produtos revestidos da exterioridade da legitimidade cultural: adaptações de clássicos, arranjos populares de música erudita, obras de vulgarização científica, prática das artes «médias» (fotografia, cinema)

etc Trata-se ainda de uma cultura «lacunar e descontínua» onde saberes «disparatados» – misturando gêneros e hierarquias como ópera e opereta, pesquisa científica e vulgarização etc –, e obtidos mais ou menos ao acaso, são acumulados como forma de proteção contra as suspeitas de ignorância ou de vulgaridade⁹:

«Os saberes disparatados e muitas vezes desclassificados que eles entesouram são, para os saberes legítimos, o que a coleção de pequenos objetos de pouco valor (selos, objetos técnicos em miniatura, etc), aos quais eles consagram seu tempo e sua minúcia classificatória, é para as coleções de obras de arte e de objetos de luxo dos grandes burgueses uma cultura em miniatura» (Bourdieu, 1983b 114)

Precavendo-se do risco de substancializar esse fenômeno, nosso autor irá buscar no terreno das relações sociais, a explicação dessa forma média de cultura, incapaz de rivalizar com o poder distintivo das formas legítimas:

« o que faz a relação pequeno burguesa com a cultura e sua capacidade de converter em cultura média tudo o que ela toca () não é, se se pode dizer, sua «natureza», mas sim a própria posição do pequeno burguês no espaço social, a natureza social do pequeno burguês, que se faz lembrar incessantemente, e para começar para ele mesmo, determinando sua relação com a cultura legítima e sua maneira, ao mesmo tempo, ávida e ansiosa, ingênua e séria, de se apegar a ela; é, mais simplesmente, o fato de que a cultura legítima não é feita para ele, quando não é feita contra ele, e que ele não é portanto feito para ela, e que ela cessa de ser o que ela é assim que ele se a apropria » (Bourdieu, 1979b: 377) (ênfase do autor)

Contudo há que se estabelecer aqui nuances para dar conta das diferenças entre as diversas frações das classes médias Na verdade, essas análises de Bourdieu sobre a boa vontade cultural referem-se àquelas frações que – provenientes das classes populares e apresentando uma trajetória de ascensão social possibilitada por uma pequena acumulação inicial de capital cultural – são relativamente pouco equipadas em capital escolar, não ultrapassando, em geral,

⁹ «A cultura média, não nos enganemos, se pensa em oposição à vulgaridade» (Bourdieu, 1983b: 112)

uma escolaridade de nível médio São portanto «mais ricas em boa vontade cultural do que em capital cultural»

Suas disposições ascéticas em relação à cultura e o culto que lhe devotam, traduzem-se num conformismo cultural que busca «produtos seguros e certificados» (ex : livros premiados) (Bourdieu, 1979b), e, numa inclinação por aquilo que o autor chama de «hipercorreção», que consiste no afã excessivo de acertar por receio da incorreção Uma ilustração desse último fenômeno é frequentemente fornecida, pelo autor, na figura da «hipercorreção linguística»:

«Para tomar apenas um exemplo traços distintivos da língua das classes médias, tais como a hipercorreção errônea (hypercorrection fautive) e a proliferação de sinais de controle gramatical, são indícios, entre outros, de uma relação com a língua caracterizada pela referência ansiosa à norma legítima da correção acadêmica» (Bourdieu e Passeron, 1970: 146)

Entretanto – como vimos – há, no interior da pequena burguesia, frações que se aproximam mais do pólo cultural Essas frações aparecem representadas na obra sobretudo pelos membros da nova pequena burguesia, mas também pelos professores do ensino básico e do ensino secundário¹⁰ São elas que detêm a mais alta competência cultural no interior das camadas médias Tratarei aqui, no entanto, apenas das profissões de apresentação/representação, já que os professores, apesar de apresentarem um volume maior de capital cultural, não parecem se diferenciar significativamente das frações anteriores no que concerne às suas disposições em relação à cultura, que se revelam mais conformistas, isto é, menos propensas ao risco cultural

Como já vimos, as frações ditas novas – dada sua origem social mais elevada – dispõem de um capital importante de relações sociais e demonstram uma certa familiaridade com a cultura e o bom gosto dominantes (conhecimentos gerais, boas maneiras, charme, postura etc), o que faz com que suas práticas culturais se aproximem daquelas da burguesia Aliás, é justamente sua «pretensão sistemática à distinção» que explica sua necessidade de se demarcar dos

¹⁰ É, sem dúvida, em razão da posição que os professores universitários ocupam no espaço social francês que Bourdieu os situa no interior das classes dominantes embora reconhecendo que eles constituem sua «fração dominada» e que apresentam um estilo de vida que ele qualifica de «ascetismo aristocrático» (Bourdieu, 1984; 1975)

comportamentos não apenas das classes populares, mas também daqueles das frações mais tradicionais da pequena burguesia

Tendem também a adotar gêneros culturais (ainda) não consagrados (ex: o jazz, o «underground»), que representariam uma forma de «revanche contra a cultura legítima», mas aplicando a eles disposições cultas «que a escola não renegaria» (Bourdieu, 1979b: 417). É esse conjunto de disposições que constitui, a meu ver, aquilo que o autor chamou de «esnobismo cultural que caracteriza particularmente a nova pequena burguesia» (Bourdieu, 1983b: 92).

E, finalmente, no interior dela, Bourdieu vai ainda detectar grupos predispostos a desempenhar um papel de vanguarda no plano das práticas cotidianas («culturais, esportivas, educativas, sexuais»), criando uma nova «arte de viver» que pretende se contrapor ao estabelecido. É o que costumamos designar por «contra-cultura», de que são exemplos: a ecologia, as medicinas orientais, a anti-psiquiatria, a anti-ginástica, a meditação transcendental, a yoga etc. Ainda que esses elementos pareçam referir-se sobretudo ao terreno das relações com o corpo e da expressão pessoal, Bourdieu nos faz ver que eles preenchem uma função de distinção cultural porque conferem a esses grupos traços exteriores do estilo de vida intelectual, ou, para utilizar os termos do próprio autor, «sinais exteriores de riqueza interior» (Bourdieu, 1979b: 431).

5. A relação com a escola

Conforme se afirmara antes, no rol das estratégias de reprodução, encontram-se as estratégias educativas «conscientes e inconscientes – das quais as estratégias escolares representam um aspecto particular – (), que visam primordialmente produzir agentes sociais capazes e dignos de receber a herança do grupo» (Bourdieu, 1989a: 388).

Se em alguns raros momentos da obra, Bourdieu aborda a relação classes médias/escola de um modo geral, o que ocorre com mais frequência é seu tratamento ao nível das frações de classe. No primeiro caso, seus comentários são gerais e giram em torno da tese da adesão intensa aos valores escolares própria dessas classes, da modalidade laboriosa, esforçada, interessada de suas práticas escolares, e do conformismo escolar desses alunos (em relação aos professores, ao ensino, à disciplina escolar),

« os quais, para se manterem no sistema, vêem-se forçados a extrair da boa vontade pura e vazia que caracteriza sua relação com a escola e com a cultura de sua classe de origem e que se expressa de maneira visível em suas práticas e preferências, os recursos indispensáveis para compensar as carências ligadas à pobreza de capital cultural por um trabalho assíduo e árduo» (Bourdieu, 1987b 259-260)

Entretanto, é o próprio autor quem reconhece que a propensão a investir no trabalho escolar depende de mais de um fator. Isto significa que essa disposição não depende somente – como se poderia apressadamente crer – do volume do capital cultural possuído¹¹, ou do sucesso escolar anterior, atual ou esperado, mas depende também da estrutura do capital familiar¹². É que quanto maior for o peso relativo do capital cultural na estrutura do patrimônio, maior será a propensão a investir no mercado escolar porque é nele – diante da ausência ou da posse limitada de outras espécies de capital – que estará baseado o processo de reprodução desse patrimônio:

«O "interesse" que um agente (ou uma classe de agentes) tem pelos "estudos" (e que é, juntamente com o capital cultural herdado, do qual ele depende parcialmente, um dos fatores mais poderosos do sucesso escolar), depende não somente de seu êxito escolar atual ou pressentido (i.e., de suas chances de sucesso dado seu capital cultural), mas também do grau em que seu êxito social depende de seu êxito escolar» (Bourdieu, 1989a 393)

É por isso que as frações cujo «capital escolar (é) relativamente importante face a uma herança cultural relativamente fraca» (a pequena burguesia de execução) investem sobretudo em estratégias culturais (escola), enquanto que as frações mais ricas em capital econômico (pequenos proprietários) investem

¹¹ Já em um de seus primeiros escritos sobre educação, Bourdieu afirmava: «Assim, é preciso distinguir entre a facilidade para assimilar a cultura transmitida pela escola (tanto maior quanto mais elevada for a origem social), e a propensão a adquiri-la que atinge seu ponto máximo de intensidade nas classes médias» (Bourdieu e Passeron, 1964: 37)

¹² O «volume» diz respeito ao montante, densidade, enfim quantidade do capital (nesse caso, de uma espécie particular de capital), enquanto que a «estrutura» refere-se à composição do capital global detido por um indivíduo ou um grupo; isto é, ao perfil resultante do peso relativo de cada espécie de capital (com seus respectivos volumes) no conjunto do patrimônio

prioritariamente em estratégias econômicas (poupança). Já o caso da nova pequena burguesia, inspira a Bourdieu um raciocínio a parte, que pode ser resumido no argumento do «refúgio honroso» (Bourdieu, 1979b)

É que o autor constata que as profissões de apresentação/representação costumam servir de refúgio para os jovens das classes dominantes (ou, pelo menos, culturalmente favorecidos) que – não tendo conseguido atingir a média dos resultados escolares esperados (para sua classe de origem) – não obtiveram o capital escolar necessário ao acesso a postos condizentes com sua origem social, e que por isso lançam mão de estratégias (compensatórias) que permitem minimizar as perdas, extraindo o melhor rendimento possível de uma herança cultural e social importante

Como se vê, a análise que faz Bourdieu das relações classes médias/escola, exige que nos situemos ao nível das frações dessas classes tal qual foram construídas pelo autor com o propósito de dar conta dessa realidade

Para a pequena burguesia declinante, reserva-se um tratamento parcimonioso que insiste sobretudo no fato de que seus membros tendem a investir menos no mercado escolar dado seu menor grau de dependência em relação a ele. Além disso, por não disporem de um capital de informações sobre o funcionamento do sistema de ensino, estão sempre sujeitos a fazer investimentos escolares menos rentáveis; por exemplo: descobrem com atraso as melhores opções em termos de estabelecimentos, cursos, diplomas, especialidades, etc., mais rentáveis no mercado – escolar ou do trabalho

Suas condutas em matéria disciplinar, são marcadas por um «rigorismo repressivo» que faz com que achem, por exemplo, que a disciplina nas escolas deveria ser mais severa e que os professores não se fazem respeitar devidamente. São também mais predispostos a atribuir o insucesso escolar dos filhos a sua falta de aplicação nos estudos (Bourdieu, 1974)

Essas frações declinantes (pequenos proprietários) mantêm uma relação de oposição com as frações ditas ascendentes (pequena burguesia de promoção e nova pequena burguesia), no interior das quais encontraremos, por sua vez, os «convertidos» e os «oblatos». Utilizando-se – como de costume – de metáforas, Bourdieu configura aqui aqueles grupos que – se podem ser diferenciados segundo sua origem cultural – não se distinguem com muita nitidez no plano de suas estratégias escolares, a saber: os «convertidos», produtos da instituição

escolar; e, os «oblatos», que nela depositam todas as suas expectativas de ascensão social¹³

Parcela de fração mais rica em capital cultural, os convertidos são representados pelos filhos de professores e de intelectuais (a «pequena burguesia intelectual»), «aqueles que devem o essencial de seu capital cultural à escola» Em se tratando de lares culturalmente bastante favorecidos, a insistência recai aqui sobre a estratégia da transmissão doméstica e precoce do capital cultural como «o mais oculto e o mais importante socialmente dos investimentos educativos» (Bourdieu, 1989a: 391) Convém observar que o termo «oculto» quer significar aqui que os efeitos desse investimento não são reconhecidos (percebidos) como uma forma de capital, mas sim como aptidões individuais, isto é naturais, no sentido de não adquiridas ou de independentes das condições sociais

Quando se sabe que para Bourdieu, o rendimento da ação pedagógica escolar é função do volume do capital cultural familiar (Bourdieu e Passeron, 1970), não é difícil compreender sua afirmativa de que:

« as frações mais favorecidas das classes médias do ponto de vista cultural, por exemplo os filhos de professores primários e secundários, estejam em condições de competir com sucesso, no mercado escolar, com as frações culturalmente mais desfavorecidas das classes superiores» (Bourdieu, 1987c: 313)

Como componente importante desse capital cultural familiar, figura todo um patrimônio de informações sobre o mundo escolar (seus modos de funcionamento, seus valores, suas hierarquias), o qual supõe um tipo de competência específico que só um certo nível de instrução pode fornecer Ora, é desse capital de informações que dependem as estratégias escolares ou, em outros termos, a (boa) aplicação dos investimentos escolares (escolha do estabelecimento, do ramo de estudos, dos cursos, etc)

Muito próximos dos convertidos na dependência do reconhecimento e da consagração escolares, os oblatos¹⁴ caracterizam-se no entanto pela posse de

¹³ O emprego de termos emprestados ao vocabulário eclesiástico quer sem dúvida, conotar a sacralização (fetichização) da cultura pelas classes médias

¹⁴ Segundo os dicionários enquanto que o «convertido» é aquele que *já* adotou uma nova crença julgada verdadeira, o «oblato» é o *leigo* que, pela *fé e dedicação* é aceite numa ordem religiosa, mas apenas como colaborador

um capital escolar mais limitado e mais recente, graças ao qual desfrutam da situação atual de quadros médios, e no qual investem esforços crescentes pois são «obrigados a tudo esperar dos investimentos escolares (mesmo que seu capital cultural seja relativamente fraco)» (Bourdieu, 1974: 15) Por isso, acreditam nas «luzes da instrução e da inteligência» e tendem «a um reformismo temperado que visa dar a cada um segundo seus méritos escolares» (Bourdieu, 1979b: 405)

«Além de dever à educação e de esperar dela tudo o que são e que podem ter, esses funcionários e quadros médios (ou mesmo os professores primários) oriundos das classes populares () tendem, por causa disto, a identificar as hierarquias com diferenças de competência ou, mais simplesmente, títulos escolares.» (Bourdieu, 1983b: 108-109)

E, nesse último aspecto, tornam a se aproximar dos convertidos:

«Não é por acaso que a ideologia do mérito escolar é particularmente persistente nas frações das classes médias mais ricas em capital cultural.» (Bourdieu, 1987c: 323)

Ainda no caso dos «oblatos», a ênfase da análise recai sobre suas disposições ascéticas face à escola que resultam numa «relação escolar com a cultura», expressão utilizada para designar o modo esforçado, sério, tenaz com que esses alunos se relacionam com os saberes escolares, em contraposição às características dos alunos provenientes das elites cultas que se definem pelo brilhantismo, talento, elegância verbal, criatividade

Ocorre no entanto que essa «relação escolar» é depreciada pela própria escola¹⁵, o que faz com que esses «oblatos» mantenham uma «relação quase

¹⁵ Na impossibilidade de deter-me aqui na tese de Bourdieu da «desvalorização escolar do escolar» remeto o leitor a Bourdieu e Passeron (1964, cap. 1) onde ela se encontra desenvolvida. Assinalo apenas que ela se refere à representação «aristocrática» da cultura e do trabalho intelectual, que a escola supostamente mantém, fazendo do diletantismo do indivíduo cuja cultura vem «do berço» (i.e., não carrega os vestígios de uma aquisição escolar) o grau máximo do virtuosismo em contraste com o julgamento bem menos entusiástico reservado àqueles que têm no esforço metódico o princípio de suas condutas escolares. Seria exemplar a esse respeito a distinção (e hierarquização) comumente operada pela avaliação escolar entre o aluno «brilhante» e o aluno «esforçado».

envergonhada com sua própria maneira de ser», e com que, embora praticando o esforço, valorizem o diletantismo:

«Por exemplo, são mais inclinados do que os demais (47%) a aspirarem qualidades que julgam não possuir (como a facilidade e o brilhantismo, pois como se sabe, tendem a atribuir a si mesmos a tenacidade)» (Bourdieu, 1987b: 261)

Quanto à ajuda familiar na vida escolar dos filhos, a análise de Bourdieu não desce ao nível das frações, permanecendo no plano das classes onde a diferença fundamental a ser estabelecida diz respeito ao tipo de auxílio – direto ou difuso – oferecido:

«A ajuda fornecida pela família reveste-se de formas diferentes nos diferentes meios sociais: a ajuda explícita (conselhos, explicações, etc.), e percebida como tal, cresce à medida em que o nível social se eleva (), ainda que pareça decrescer à medida em que o grau de sucesso escolar aumenta. Acontece que ela constitui apenas a parte visível das «doações» de todo tipo que as crianças recebem de suas famílias. Se lembrarmos, por exemplo, que a porção de laureados que fizeram sua primeira visita ao museu ainda na infância () com sua família, cresce com a origem social – o que constitui apenas um indicador, entre outros, dos estímulos indiretos e difusos dados pela família –, veremos que os jovens das categorias superiores acumulam a ajuda difusa e a ajuda explícita, enquanto que os jovens das classes médias (em particular os filhos de funcionários e de professores primários) recebem sobretudo uma ajuda direta, ao passo que os jovens das classes populares, salvo exceção, não podem contar com nenhuma dessas duas formas de ajuda diretamente rentáveis escolarmente.» (Bourdieu, 1989a: 36) (a ênfase é do autor)

E, por fim, quanto às suas condutas disciplinares, também não se faz distinção entre convertidos e oblatos. Diferentemente do rigorismo repressivo das frações em declínio (que reage sistematicamente a todo indicio de ruptura com a moral estabelecida), as frações em ascensão praticam um «rigorismo ascético» feito de uma disciplina que – estando a serviço de um projeto de ascensão – vale sobretudo para «si mesmo e para os seus»:

« o que pode ser provado pelo fato de que os pequenos burgueses em ascensão, que usualmente se mostram bem mais rigorosos do que as outras classes (em particular em tudo que concerne à educação dos filhos seus estudos, suas saídas, suas leituras, sua sexualidade, etc), podem, sem contradição, mostrar-se bem menos rigorosos do que a moral dominante (), todas as vezes em que as práticas condenadas (como o aborto ou o acesso de menores aos contraceptivos) puderem ser postas a serviço da ascensão» (Bourdieu, 1979b 406)

6. Considerações finais

Certamente que essas análises de Bourdieu, que acabam de ser examinadas, merecem comentários críticos. Entretanto, o presente texto não teve a intenção nem a possibilidade de realizá-lo, o que deverá ser feito em momento posterior e a partir do confronto com os dados empíricos obtidos da pesquisa em andamento. Limitar-me-ei portanto, para concluir, a reconstituir esquematicamente os pontos que dirigiram o raciocínio do autor.

Não se satisfazendo com a noção de uma «luta de classes» que se reduz à oposição objetiva entre os grupos sociais, segundo sua condição ou posição de classe, Bourdieu abre espaço para uma «luta de classificações» («lutte des classements») que consiste nas lutas simbólicas travadas pelos agentes sociais para impor uma visão de mundo – ou, em outras palavras, um sistema de classificação e esquemas mentais classificatórios – cujo princípio é o da diferenciação entre os agentes sociais quanto às suas propriedades e disposições. Em suma, lutas incessantes entre os agentes «para classificar e para se classificarem» (Bourdieu, 1989b).

Essa luta pela apropriação dos bens simbólicos, que no plano cultural é uma luta pelo monopólio da competência cultural, toma a forma da «dialética da pretensão e da distinção» que opõe as propriedades vulgares às propriedades distintas e distintivas (i.e., reconhecidas como «vulgares» ou «distintas») «Forma irreconhecível de luta de classes» (Bourdieu, 1983b), porque – diferentemente das lutas econômicas – dificilmente se deixa ver como tal, é somente em referência a ela que se pode compreender a lógica das relações que se

estabelecem entre cada classe (e fração de classe) e o sistema escolar; em particular, no caso presente, o efeito de consagração e o reconhecimento que o sistema de ensino só consegue obter completamente quando «prega a convertidos e oblatos»

Accardo e Corcuff – em livro já citado – advertem quanto à dificuldade, senão impossibilidade, de se evitar que um discurso de apreciação não produza «efeitos objetivos e perversos» de celebração de um autor, fetichizando sua obra e cristalizando suas idéias.

Se involuntariamente corri esse risco, queria ao menos registrar que a intenção que me guiou neste trabalho, não foi outra senão a de tentar organizar um conjunto de idéias e de teses que vem apresentando uma extraordinária utilidade teórica para a pesquisa acerca das relações que certas classes e frações de classe mantêm com o mundo da escola

Agradeço a Ceres Leite Prado por seus comentários e sugestões à primeira versão deste trabalho. As traduções dos excertos das obras de P. Bourdieu, ainda não publicadas no Brasil, são de minha responsabilidade.

Correspondência: Maria Alice Nogueira, Rua Quintiliano Silva, 21, apto 301, 30 350-040 Belo Horizonte/MG, Brasil

7. Bibliografia

- ACCARDO, A , CORCUFF, P, (1986) *La Sociologie de Bourdieu*, Bordeaux: Le Mascaret
- BOURDIEU, Pierre (1974) «Avenir de classe et causalité du probable», *Revue Française de Sociologie*, XV (1), 3-42
- BOURDIEU, Pierre (1979a) «Les trois états du capital culturel», *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 30, 3-6
- BOURDIEU, Pierre (1979b) *La Distinction*, Paris: Minuit
- BOURDIEU, Pierre (1980) «Le capital social», *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 31, 2-3
- BOURDIEU, Pierre (1983a) *Questões de Sociologia*, R J : Marco Zero
- BOURDIEU, Pierre (1983b) «Gostos de classe e estilos de vida» in ORTIZ, R (org) *Pierre Bourdieu*, SP: Atica
- BOURDIEU, Pierre (1984) *Homo Academicus*, Paris: Minuit
- BOURDIEU, Pierre (1987a) «Condição de classe e posição de classe» in *A Economia das Trocas Simbólicas*, 2ª ed, SP: Perspectiva
- BOURDIEU, Pierre (1987b) «A excelência e os valores do sistema de ensino francês» in *A Economia das Trocas Simbólicas*, op cit
- BOURDIEU, Pierre (1987c) «Reprodução cultural e reprodução social» in *A Economia das Trocas Simbólicas*, op cit
- BOURDIEU, Pierre (1989a) *La Noblesse d'État*, Paris: Minuit
- BOURDIEU, Pierre (1989b) *O Poder Simbólico*, Lisboa: Difel/ Bertrand Brasil S A
- BOURDIEU, Pierre (1990) *Coisas Ditas*, SP: Brasiliense
- BOURDIEU, P , PASSERON, J C (1964) *Les Héritiers*, Paris: Minuit
- BOURDIEU, P , PASSERON, J C (1970) *La Reproduction*, Paris: Minuit
- BOURDIEU, P , SAINT-MARTIN, M (1975) «Les catégories de l'entendement professoral», *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 3, 68-94
- ESTABIEI, Roger (1987) *L'École est-elle rentable?*, Paris: PUF
- LAREAU, Annette (1987) «Social class differences in family-school relationships: the importance of cultural capital», *Sociology of Education*, 60, 73-85
- LIENARD, G , SERVAIS, E (1982) «A transmissão cultural: estratégias das famílias e posição social» in GRACIO, S e STOER, S (orgs), *Sociologia da Educação II*, Lisboa: Livros Horizonte
- SIROTA, Regine (1994) *A Escola Primária no Cotidiano*, Porto Alegre: Artes Médicas